

Crise de autoridade

O Ibope registrou uma queda de 20 pontos na popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso em relação aos 70% de aprovação registrados na pesquisa divulgada em março.

Esse resultado é de pesquisa realizada de meados de abril a início de maio. Felizmente, antes de se conhecer o escândalo dos votos para a reeleição, comprados pelos gerentes desse esgoto a céu aberto da política nacional, que são alguns governos da região da Amazônia. Dizemos "felizmente", porque, se a pesquisa tivesse abrangido o período pós-escândalo, o presidente da República poderia confundir os verdadeiros motivos dessa queda brusca, que não pode ser explicada por qualquer fator econômico ou social. Nesses terrenos não houve absolutamente nada, no período pesquisado pelo Ibope, que justificasse a queda. Assim, o presidente da República terá maior facilidade para concordar com nosso diagnóstico: a razão fundamental dessa brusca oscilação na avaliação popular do seu desempenho na chefia do governo foi a rápida desmoralização da autoridade presidencial produzida, em primeiro lugar, pela lamentável confusão por parte do presidente entre tolerância e omissão no cumprimento da lei, que veio se acrescentar à confusão já registrada, há mais tempo, no plano de suas relações com os políticos, entre simplicidade, lhanura no trato, disposição para o diálogo e promiscuidade com o que há de mais viciado no cenário político nacional. Não temos dú-

vida em afirmar que a autoridade do presidente — que já vinha sendo progressivamente desmoralizada cada vez que o governo se omitia diante da baderna organizada, que extravasou do plano da simples invasão ilegal de terras para a cada vez mais frequente e desmoralizante invasão de próprios públicos — sofreu o golpe decisivo com a abertura mais ou menos forçada do palácio do governo à turba do MST, seguida da transmissão pela televisão do espetáculo constrangedor do desrespeito organizado à autoridade máxima do regime democrático. O presidente da República, confundindo lamentavelmente tolerância com aceitação do desrespeito explícito, esqueceu-se de que, se podia e talvez devesse receber em audiência um ou dois líderes do movimento, jamais poderia receber a turba que não teve nem mesmo o direito de peneirar. E, quanto às lideranças do MST, o presidente deveria ter tido o critério indispensável para compreender que podia receber o sr. Stedile, mas nunca o senhor Rainha — que na véspera chamara seu ministro de "canalha" —, pelo menos enquanto a Justiça não apurar se ele é ou não o autor do duplo homicídio de que é acusado. Pode o presidente estar certo de que naquele dia de desmoralização explícita, ao vivo, da sua autoridade



de como presidente da República, a sua popularidade despencou proporcionalmente à ascensão vertiginosa da popularidade do MST. E continuou despencando na medida em que a baderna organizada ia lavrando outros tentos, como o do peru na mesa do ministro Kandir — um governo que aceita na sua mesa, sem reagir, qualquer peru que não esteja assado e recheado com farofa é um governo suicida — e o espetáculo kulx-klanescos de Belo Horizonte.

O presidente Fernando Henrique Cardoso é um respeitado sociólogo, mas parece não entender muito de psicologia, particularmente da psicologia das massas. As massas são sempre uma combinação — e não uma mistura. Independentemente das qualidades individuais das pessoas que as compõem, as massas são sempre ferozes no aplauso a quem está batendo e na vaia impiedosa a quem está apalhando, como se verifica nas lutas de box e em qualquer jogo de futebol, onde as torcidas não hesitam em vaiar seu próprio time quando está sendo dominado pelo adversário. Quanto à confusão entre disposição democrática para o diálogo, a lhanura no trato e a promiscuidade com políticos indignos, ela se caracteriza pela incapacidade do presidente de regular a distância que deve manter entre, de um lado, homens

do nível ético dos governadores Brito, Jereissati, Azevedo, Covas e, felizmente, muitos outros, e, de outro lado, os governadores da área do esgoto a céu aberto da política nacional que compraram os cinco votos indigitados para reforçar seu cacife político perante um presidente excessivamente preocupado com garantir-se o direito de disputar a reeleição.

Nessa situação, não será surpresa se sua popularidade de cair ainda mais com a revelação do escândalo —

O que está acontecendo decorre da postura de FH diante de certos fatos e pessoas

porque o povão está psicologicamente predisposto a dar crédito a esta sórdida armação em que seus inimigos políticos pagam a quem vendeu seu voto para que concorde em gravar a confissão dessa indignidade para praticar a

indignidade maior de insinuar na gravação que seu ministro predileto participou da transação indigna. Aliás, não por razões éticas, mas por evidentes razões políticas, podemos afirmar que o sr. Sérgio Motta é o pecado original do governo Fernando Henrique Cardoso.

Com 50% de aprovação, apesar de tudo, o presidente não terá dificuldade para recuperar a popularidade perdida desde que aprenda a lição deste período de adversidades: a crise do governo é essencialmente uma crise de autoridade.